

## **Estratégias Comunicacionais do Movimento Negro Maria Laura (Joinville/SC): o Livro *Fragmentos Negros*<sup>1</sup>**

Felipe CARDOSO<sup>2</sup>  
José Carlos FERNANDES<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Paraná

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo apresentar as estratégias comunicacionais do Movimento Negro Maria Laura, bem como abordá-las a partir de uma análise hermenêutica de seus produtos e resultados. Maior destaque é dado para o livro *Fragmentos Negros*, tido como um marco para a ressignificação histórica e cultural da presença da população negra no estado de Santa Catarina e na cidade de Joinville, especificamente, superando o discurso hegemônico que retrata esses locais como predominantemente brancos em decorrência da difundida ideia da colonização europeia. Para tanto, o texto aborda a formação do próprio movimento, seus objetivos, ações e lutas, bem como suas conexões e referências, abordando o processo de elaboração do livro *Fragmentos Negros*, como resultado e, ao mesmo tempo, como estratégia catalizadora.

**PALAVRAS-CHAVE:** movimento negro; livro; estratégia; comunicação; Joinville.

“Como outro bem disse, desvirtuar um aluno, ensinando-lhe que seu rosto preto é uma maldição e que sua luta para mudar sua própria condição é impossível, é o pior tipo de linchamento. Ele mata as aspirações e o condenam a vadiagem e a criminalidade”

**Carter Godwin Woodson** (2018, p. 25)

### **INTRODUÇÃO**

Falar sobre luta antirracista no Brasil adquire outro contexto ao se tratar da Região Sul. Marcada pela invisibilidade da população negra e por ser a região experimental da política de branqueamento que almejavam expandir para todo país (ROSA, 2006), criou-se o imaginário de que para esses lados não há presença de pessoas que não sejam de origem europeia. Justamente por isso, a luta negra dos e das moradores desta região acaba

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Afrodiaspórico, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (PPGCOM/UFPR), e-mail: cardoso.felipe@ufpr.br

<sup>3</sup> Doutor e mestre em Estudos Literários. Professor do Departamento de Comunicação e do PPGCom da Universidade Federal do Paraná (UFPR), e-mail: zeca@ufpr.br

---

passando pelo processo de dupla invisibilidade, dificultando ainda mais as reivindicações por reconhecimento, dignidade e respeito.

É nesse cenário que, em 27 de janeiro de 2015, na cidade de Joinville, surge o Movimento Negro Maria Laura (MNML), com o intuito de pautar o debate racial, organizar a luta antirracista e combater o discurso hegemônico da cidade de um povo só e com história única (ADICHIE, 2019). O nome é uma homenagem à professora e diretora Maria Laura Eleotério Cardoso<sup>4</sup>, responsável pela criação do Instituto Afrobrasileiro em Joinville e pela promoção de eventos, ações e discussões sobre as questões raciais (SALVADOR NETO, 2012). A escolha se deu como forma de manter viva a memória do legado da população negra da cidade.

Em seus objetivos, o MNML destaca o combate às desigualdades raciais e sociais, a luta por igualdade de condições em todos os âmbitos da sociedade, o combate ao genocídio da população negra e a luta contra o machismo e o racismo vivenciado por mulheres negras. Para isso, traçam metas de fortalecimento e a valorização das culturas e identidades afro-brasileiras e africanas, levando as discussões e reflexões raciais para as comunidades, principalmente as periféricas. Entender essa representação social se tornou uma forma de conhecimento urgente (MOSCOVICI, 2015).

Também apontam como perspectiva o *desenvolvimento de pesquisas relacionadas as relações étnico-raciais*, além de debater, lutar e criar medidas que solucionem os problemas da educação e da saúde pública, garantindo o acesso da população negra a escolas, universidades e ao sistema de saúde público e de qualidade (MOVIMENTO, 2015, não publicado). Todos esses objetivos e metas estão em um plano regional, estadual e nacional, como estratégia de expansão, diálogo e união com outros movimentos negros e sociais do estado e do país.

Para atingir os objetivos traçados as principais estratégias adotadas pelo Movimento Negro Maria Laura passaram pela comunicação: diálogo com o poder público e com outros movimentos sociais; palestras, debates e apresentações em escolas e universidades, dentre outras ações e atividades. Com seus objetivos traçados e com o campo de atuação política delimitado, o MNML trouxe mais intensidade para a luta por justiça racial, estimulando e fomentando, ainda mais, debates sobre as questões raciais em Joinville.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.palavralivre.com.br/2012/03/morre-maria-laura-eleoterio-homenagem-do-blog-com-o-seu-perfil-sua-historia/> Acesso em 10/07/2023.

---

No currículo consta a idealização e organização da Marcha da Negritude Catarinense (2016), a Uhuru – Semana da Consciência Negra (2017), eventos de lançamentos de livros de autoras e autores negros catarinenses, cursos de formação políticas (presenciais e virtuais), Sarau Saracura e, em 2022, o lançamento do livro *Fragmentos Negros – perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC* (CARDOSO *et. al*, 2022), organizado pela militância do próprio MNML, que contou com a presença de intelectuais, pesquisadores e artistas ligados à temática.

No mesmo ano, foi lançado o Cursinho Popular Pré-vestibular Inserção, com o intuito de preparar jovens da periferia de Joinville para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), estimulando o ingresso no ensino superior. Dentro desse mesmo campo de atuação, o Movimento Negro Maria Laura provocou e criou o Movimento Mais Universidade<sup>5</sup>, com o intuito de lutar pela ampliação do ensino superior público e gratuito em Joinville e região.

Além disso, o MNML também marca presença nas mídias sociais (*Instagram* e *Facebok*) com diversas publicações, desde divulgações de manifestações e eventos, até denúncias de racismo e posicionamentos a respeito de temas que perpassam ou interferem na pauta racial. Também oferecem atendimento e acompanhamento jurídico e direcionamento psicológico a vítimas de racismo.

A história do Movimento Negro Maria Laura acompanha o levante negro ocorrido nas últimas décadas com mais intensidade, devido à organização dos movimentos negros brasileiros “em torno das políticas de ações afirmativas” (GOMES, 2011, p. 147). O debate racial que tomou conta do Brasil estimulou a reorganização dos negros e negras de Joinville para reivindicação de seus direitos e do reconhecimento como protagonistas da história da cidade, combatendo a invisibilidade e os estigmas raciais gerados pela violência antinegro desde a constituição da cidade.

Parte dessa luta se faz pela rememoração e destaque das instituições, locais e personalidades que representem a negritude, como a Sociedade Kênia Clube (1960) e seus fundadores, juntamente com seu histórico de resistência negra, além de ser um local seguro para que esse segmento social pudesse confraternizar sem sofrer violência racial (OSÓRIO, 1996).

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://instagram.com/maisuniversidadejoinville?igshid=MzRIODBiNWFIZA==> Acesso em 15/07/2023.

---

Nesse processo de reconhecimento e reivindicações de pautas correspondentes à questão racial, percebeu-se, após debates e provocações gerados nas formações políticas da Escola Afro Popular Leonor de Barros<sup>6</sup>, ministrado por Jeruse Romão<sup>7</sup>, que a militância negra também passava pela academia, pela pesquisa e pela ciência. Foi essa dinâmica que estimulou diversos militantes do MNML a ingressarem no mestrado e teorizarem, em suas respectivas áreas, a respeito da temática racial em Santa Catarina.

O presente trabalho, por exemplo, é o desdobramento do projeto de pesquisa de um dos autores, que visa identificar a representação da população negra nos programas do *Jornal do Almoço* durante as celebrações do aniversário de Joinville, entre os anos de 2011 a 2020, em busca de identificar como a comunicação, por meio do telejornalismo, pode ou não contribuir para a produção, reprodução e perpetuação da hegemonia historiográfica e do imaginário acerca da constituição da cidade, sua cultura e população (LEGROS *et. al*, 2007).

Após oito anos de fundação, o Movimento Negro Maria Laura ganhou notoriedade, respeito e projeção devido às ações e contatos feitos ao longo de sua trajetória. Mesmo não se utilizando frequentemente da mídia tradicional, algumas de suas pautas, manifestações, reivindicações e produções acabaram recebendo espaço também nesses locais, alcançando novos públicos e possibilitando novos contatos.

Justamente por isso, pretende-se analisar as diferentes estratégias de comunicação adotadas pelos militantes do MNML, ao longo dos anos, para destacar elementos que possam contribuir para o destaque de algumas dessas pautas e a consideração da atuação da militância negra em Joinville por meio desse movimento, de caráter francamente sistêmico, orgânico e biodiverso, nos moldes de uma ecologia antropológica (GUATTARI, 2012). Para alcançar esse objetivo, concentraremos nosso olhar no livro *Fragmentos negros* (CARDOSO *et. al*, 2022), desde o processo de mobilização e produção até a divulgação e os sentidos gerados pela produção desse material.

Utilizando a análise hermenêutica, faremos uma reinterpretação do sentido do livro *Fragmentos Negros – perspectivas sobre a presença negra em Joinville* (CARDOSO *et. al*, 2022) como forma de comunicar, considerando o contexto histórico, político, cultural e econômico da cidade. A hermenêutica seguida será a apresentada por

---

<sup>6</sup> Lançada em Joinville, em 2017, inaugurada e iniciada em 2018, em Florianópolis. De caráter itinerário, ministrou cursos em São José, Criciúma, Blumenau, Florianópolis, Joinville e outras cidades de Santa Catarina.

<sup>7</sup> Professora, pesquisadora, escritora e militante do Movimento Negro de Santa Catarina.

---

Hans-Gerog Gadamer, com o viés da desconstrução que não destrói o passado, mas que critica o presente e a hegemonia de uma tradição e encontra como perspectiva o cruzamento de horizontes. Daquela que interroga e reinterpreta os sentidos e significados dos fatos e acontecimentos, reelaborando e construindo uma ação comunicativa, revelando “possibilidades ainda não percebidas, retornando a “experiências” que possibilitaram um determinado passado ou pensamento” (BASTOS e PORTO, 2011, p. 321).

## **O LIVRO – DA IDEIA À EXECUÇÃO**

A ideia da escrita de um livro que tratasse sobre a presença negra na cidade de Joinville passa por três momentos, nascidos da mesma inquietação: a proposta de um documentário sobre a trajetória da população negra na cidade, os cursos de formações políticas da Escola Afro Popular Leonor de Barros e a própria ideia da escrita do livro. Todas foram geradas pelo sentimento de falta de representação da presença negra na cidade. As pesquisas realizadas eram encontradas de maneira avulsa, sem destaque e com certa dificuldade para acessá-las. Problemas enfrentados por acadêmicos e pesquisadores que gostariam de falar e pesquisar a respeito. Diante dessa dificuldade, pensou-se em organizar e preparar um material audiovisual que abordasse o tema e que reunissem autores que já pesquisassem a respeito da temática na cidade e pudessem evidenciar um pouco mais a respeito, desmistificando algumas histórias e proporcionando materiais para futuras pesquisas. Devido à falta de recursos econômicos e pessoais o projeto não pode ser concretizado.

Ao ter contato com as formações promovidas pela professora Jeruse Romão, na Escola Afro Popular Leonor de Barros, a militância joinvilense foi estimulada a escrever e pesquisar sobre a população negra, não ficando restrita essa tarefa apenas à militância negra da cidade, mas a todas e todos os participantes dos cursos ofertados pela escola. É desse impulso que surgem novas pesquisas e projetos para pós-graduação com o olhar voltado para a negritude, como os clubes negros e a representação da população negra no jornalismo impresso (GUERREIRO, 2022) e no telejornalismo regional.

Nesse mesmo fluxo de ideias, em meio a pandemia de Covid-19, em 2021, Orlando Gunlanda<sup>8</sup> surge com a proposta da escrita de um livro que reunisse pesquisas

---

<sup>8</sup> Psicólogo social e pesquisador das questões raciais e a produção de memória social da população negra afrodiáspórica.

---

sobre a presença negra em Joinville. O objetivo também era concentrar e citar as pesquisas realizadas sobre a temática em um só lugar que pudesse orientar futuros pesquisadores a encontrar informações, dados e reflexões sobre a população negra na cidade (CHARTIER, 2002). A partir da proposta da escrita de um livro, foram realizados os convites iniciais, com foco em pesquisadores e intelectuais que tivessem produzido algo sobre as questões raciais na cidade. Devido à quantidade de pesquisadores e a possibilidade de inclusão de capítulos, pensando na viabilidade de custear as impressões dos materiais e não comprometer a execução do projeto, fechou-se o número de 12 autores<sup>9</sup>, com um capítulo escrito em parceria entre dois autores, fechando o livro com o total de 11 capítulos, falando sobre história, memória, territorialidade, moradia, educação, religião, jornalismo, dentre outros temas correlatos que juntos formam uma partilha do sensível (RANCIÈRE, 2017).

Como característica própria do Movimento Negro Maria Laura em atrelar a militância política à cultura e à arte, antes de cada capítulo foram incluídos poemas escritos por quatro poetas<sup>10</sup> vinculados à história do MNML. Para a elaboração de toda a identidade visual e a capa do livro, foi convidada a ilustradora, ceramista e designer Vitória Caroline Rocha de Oliveira. Para a escrita do prefácio, como forma de homenagem por toda atuação na militância e intelectualidade negra em Santa Catarina e pelos anos de parceria e ensinamentos ao Movimento Negro Maria Laura, estendeu-se o convite à professora Jeruse Romão. Todas as tratativas jurídicas e financeiras em relação à publicação e contrato com a editora ficaram sob responsabilidade da advogada e militante Cássia Sant’Anna.

Com tudo alinhado, por meio do diálogo e da comunicação interna, foi-se encaminhando para a execução da tarefa de lançar o livro, o que gerou a demanda pela comunicação externa, para divulgar a produção do livro de maneira pública. As mídias sociais foram o carro chefe da divulgação e propagação do livro.

No dia 9 de março de 2022, na data do aniversário da cidade, o Movimento Negro Marial Laura fez uma publicação na sua página no *Instagram* e no *Facebook* desejando

---

<sup>9</sup> Azânia Mahin Nogueira, Caroline Manske, Charles Henrique Voos, Elias Laurindo André, Felipe Cardoso, Gerson Machado, Hernandez Eichenberger, Juliane Guerreiro, Orlando Afonso Camutue Gunlanda, Rhuan Carlos Fernandes, Vanessa da Rosa, Willian Luiz da Conceição.

<sup>10</sup> Poeta Alpaídes, Tayá, MVHS e Acaze.

parabéns para a “Joinville esquecida<sup>11</sup>”. A publicação continha trechos do capítulo<sup>12</sup> escrito por Willian Luiz da Conceição<sup>13</sup> que mostrava algumas fotos de pessoas negras, com suspeitas de terem sido registradas no início do século XX, encontradas no Arquivo Histórico da cidade. No dia 14 de março de 2022, o perfil do MNML nas mesmas redes, publicou parte da pesquisa<sup>14</sup> de Carolina Manske<sup>15</sup>, que descobriu, também por meio do Arquivo Histórico, a existência de um jornal abolicionista<sup>16</sup> em Joinville, veiculado na cidade períodos antes da Abolição da Escravatura (VAINFAS, 2002).

Mais adiante, no mês de agosto de 2022, com o livro já produzido, o coletivo negro de Joinville lança em suas redes uma rifa para arrecadar verba para a edição e impressão dos livros. Ao todo, o MNML precisava arrecadar o valor de R\$ 6 mil. Somando-se o valor da rifa, venda de camisetas, o dinheiro em caixa e a colaboração de amigos do movimento, conseguiu-se atingir o objetivo. Toda essa movimentação possibilitou algumas entrevistas à imprensa, inclusive na televisão<sup>17</sup>, com tempo de duração com mais de oito minutos, discorrendo sobre a obra. A data do evento, 19 de novembro de 2022, um dia antes do dia da Consciência Negra, celebrada em todo o país, também contribuiu para o destaque do lançamento do livro. O evento aconteceu na Sociedade Beneficente Kênia Clube, tradicional clube negro da cidade. Os livros esgotaram. Atualmente, para adquirir o *Fragmentos Negros* é necessário se deslocar até o Salvador Vegan Café<sup>18</sup>, no Centro de Joinville, ou nos eventos promovidos ou apoiados pelo MNML.

## DOS SENTIDOS DO LIVRO PARA JOINVILLE

Escrever sobre a população negra na cidade de Joinville adquire diversos significados e representações. Marcada pela invisibilidade e pelo apagamento histórico dessa população em meio à exaltação da cultura europeia, principalmente a germânica, a

<sup>11</sup>Disponível em: [https://www.instagram.com/p/Ca42-cZr\\_Xd/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/p/Ca42-cZr_Xd/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==) Acesso em: 03/08/2023.

<sup>12</sup>Ananse e as teias da história: branquitude, branqueamento e invisibilidade das populações de origem africana em Joinville/SC

<sup>13</sup> Professor Substituto no Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ. Mestre em Antropologia Social pela UFSC. Historiador, graduado pela UDESC. Autor do livro “Branquitude: dilema racial brasileiro” (Papéis Selvagens, 2020).

<sup>14</sup> Folha Livre: um jornal abolicionista em Joinville/SC

<sup>15</sup> Jornalista, graduada bacharel na Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC.

<sup>16</sup>Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CbFrgYvL\\_V1/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/p/CbFrgYvL_V1/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==) Acesso em: 03/08/2023.

<sup>17</sup>Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11138203/?s=0s> Acesso em: 03/08/2023

<sup>18</sup>Café vegano localizado na região central da cidade: Rua Henrique Meyer, 61.

---

escrita se transforma em um discurso de enfrentamento ao sentimento de superioridade racial presente na cidade por parte da população branca. É uma contranarrativa e mais uma maneira de resistência à exploração e à violação dos direitos da população negra, sobretudo do direito de existirem e de se reconhecerem como protagonistas e pertencentes à cidade onde vivem (WILLIAMS, 2014).

É também uma forma de retirar o sentimento de inferioridade e do papel de subalternidade e subordinação a que esse segmento social foi condicionado, retirando do imaginário social da população negra o desenho negativo que construíram de si, influenciados pela representação da branquitude (BENTO, 2022). É escrever o que não está escrito, produzir novos sentidos, apontar novas perspectivas, melhorar a autoestima da população negra, parasitada pelo racismo (SOUZA, 2021). Essa contranarrativa combate o discurso hegemônico, o sentimento de domínio territorial e de supremacia da branquitude, fruto do violento e duradouro processo de branqueamento do Brasil.

A escrita de um livro que trata da população negra em uma cidade como Joinville representa, em termos epistemológicos, não só uma forma de comunicar, mas uma disputa narrativa, por meio de uma iniciativa coletiva e auto-organizada, como forma de enfrentamento do discurso hegemônico que, após anos de repetição em diversos espaços, tornou-se oficial e senso comum. Portanto, em termos simbólicos e práticos, a comunicação por meio de um livro com essa temática é um convite a repensar a trajetória negra e os dilemas raciais na cidade, apontando para uma perspectiva de construção de outra sociedade pautada no antirracismo e no anticolonialismo (SILVA, 2019).

A luta negra joinvilense, além do campo político, econômico e cultural, atravessa agora a educação e a ciência, por meio da academia, como forma de combater o epistemicídio, o genocídio praticado ao conhecimento negro (CARNEIRO, 2005), além de evidenciar que esse conhecimento foi substituído e condicionado à visão eurocêntrica, fazendo com que a população negra continuasse sendo dominada por seus algozes. “O pensamento de inferioridade é injetado no Negro em quase todas as classes que ele entra e em quase todos os livros que ele estuda” (WOODSON, 2018, p. 25). Esse pensamento é alimentado pela ausência de referências, pelo não-lugar, pelo apagamento e silenciamento, pela invisibilidade e falta de representação.

A reorganização e a ressignificação dos processos históricos de Joinville permitem que os pesquisadores(as) e acadêmicos(as) encontrem lacunas e, a partir disso, questionem e encontrem elementos que contraponham o discurso hegemônico e

---

historiográfico. Exemplo disso são os dois capítulos citados anteriormente do Willian Luiz da Conceição e da Carolina Manske. As duas pesquisas apresentam provas cabais da presença negra na cidade durante o século XIX e XX e permitem questionamentos que colocam contra a parede a história única e dominada por um só povo: como a cidade europeia tem em seu arquivo fotos de pessoas negras em diferentes locais? Se existiam apenas pessoas de origem europeia em Joinville, qual o motivo da existência de um jornal abolicionista?

Movimentos esses diferentes de antigos historiadores e pesquisadores brancos<sup>19</sup> que dedicaram poucas linhas de seus estudos para falar sobre essa presença. Da mesma forma, durante décadas permaneceu oculta a informação da presença de pessoas escravizadas enterradas no Cemitério do Imigrante, localizado no Centro de Joinville, sendo revelada e destacada apenas em 2009, com a construção de uma placa<sup>20</sup> em homenagem a essas figuras, que tiveram seus nomes lembrados na introdução do livro *Fragmentos Negros* e destacado no capítulo “Insurreições patrimoniais: os espaços negros no Cemitério do Imigrante em Joinville/SC”, escrito pelo historiador Rhuan Carlos Fernandes. Além disso, ao trazer novas perspectivas e reinterpretações historiográficas, o livro estimula a construção do pensamento crítico por meio de análises que correspondam à realidade, fugindo da romantização e do positivismo. É o caso do capítulo *Racismo estrutural e moradia em Joinville* (CARDOSO e EICHENBERGER, 2022), que reinterpreta a constituição da cidade e desmonta o imaginário da bondade dos príncipes “donos” da terra, ao cederem parte desse território para Sociedade Colonizadora de Hamburgo.

A escrita do livro é também uma maneira de desnaturalização das diferenças existentes entre negros e brancos, uma vez que ao naturalizá-las se permite que se tornem fixas e permanentes, impossibilitadas de alterações em seu discurso e ideologia, impedindo-as de possíveis movimentações ou ressignificações. A escrita do *Fragmentos Negros* assinala e assegura essas diferenças como fatores históricos e culturais, ou seja, possíveis de serem modificadas (HALL, 2016).

E não é somente focado no passado que se concentra a escrita do livro, mas o seu potencial se encontra justamente na capacidade de fazer um paralelo com o presente que

---

<sup>19</sup>Apolinário Ternes, Carlos Ficker, Elly Herkenhoff.

<sup>20</sup>Disponível em: <https://www.geledes.org.br/fundacao-cultural-identifica-14-negros-enterrados-no-cemiterio-dos-imigrantes-e-rende-homenagem-a-eles-na-semana-consciencia-negra-em-joinville/> Acesso em: 03/08/2023.

---

possibilita maior entendimento sobre a situação da população negra em Joinville, destacando a relação causa e consequência, que permite ao leitor relacionar as escolhas do passado como fatores determinantes para a realidade atual que se apresenta.

Importante ressaltar que esse movimento de escrita como forma de comunicação contranarrativa, de reinterpretação e resistência é utilizada há tempos pela população negra, seja na literatura ou na academia. Nomes como Luiz Gama, Guerreiro Ramos, Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, Beatriz do Nascimento, Clóvis Moura e Abdias Nascimento são exemplos de gerações que deixaram registradas suas ideias e perspectivas negras de acordo com os seus conhecimentos e vivências da época. Atualmente, destacam-se nomes femininos como Conceição Evaristo e Cidinha da Silva. Em Santa Catarina, numa perspectiva histórica, temos expoentes como Antonieta de Barros, Cruz e Sousa, Ildelfonso Juvenal, Jeruse Romão e Fábio Garcia.

Por mais que não seja um livro escrito apenas por autores(as) negros(as), mas organizado por um coletivo negro e tendo a maioria dos autores(as) e artistas negros(as), demonstra a mudança na perspectiva de tratar o negro apenas como um objeto, passando a valorizar e destacar a figura dos negros como pesquisadores, produtores do conhecimento, para além de militantes políticos e sociais. E não é uma obra exclusivamente negra, pois há o entendimento de que o racismo e combate a ele não é exclusividade e responsabilidade apenas da população negra, é preciso chamar os brancos para a centralidade da discussão e para a promoção de ações e medidas antirracistas e anticolonialistas.

O próprio nome do livro e toda a sua identidade visual representam a criticidade e a ideia de resistência, de ressignificação e, principalmente, de contranarrativa. O nome *Fragmentos Negros* demonstra a dificuldade de encontrar algo concreto e unificado sobre a população negra em Joinville. Expõe o descaso com a história, a disputa de poder, o silenciamento. Ao mesmo tempo em que demonstra o esforço em juntar algumas dessas perspectivas como forma de consertar ou minimamente ajustar, formular algo que produza sentido e que permaneça útil a quem quiser e desejar utilizá-lo.

A capa com o título escrito em recortes de revistas e de jornais, representam bem a ideia do nome do livro e os caminhos trilhados para reescrever e reinterpretar a história de Joinville. A busca por documentos, relatos, jornais, registros de nascimento e óbitos, compra e venda, dentre outros fragmentos que possam servir de elementos ou se transformar em histórias. Acompanhado de um rosto de uma mulher negra, também

---

fragmentado, sobressaindo pelos recortes de jornais, com diversos olhares, de diferentes ângulos, que encaram seriamente quem observa o livro. Lábios que não esboçam sorriso. Parte de cabelo crespo, parte de cabelo trançado. Os olhares parecem perseguir, querendo comunicar, parecem apontar. Talvez apontar as perspectivas sobre a população negra em Joinville, presente no subtítulo do livro.

Também é preciso destacar o evento de lançamento do livro, um dia antes de uma data simbólica para a população negra brasileira, 20 de novembro, dia da Consciência Negra, realizada em um local que é referência de resistência e luta negra joinvilense, o Kênia Clube, clube negro fundado em 1960, para ser um espaço de celebração e confraternização da população negra da cidade, uma vez que eram proibidas de acessarem outros espaços (OSÓRIO, 1996).

Mas a data teve também um outro significado de celebração para a população negra em 2022, pois foi após o período eleitoral em que decretou a derrota do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e sua política econômica e diversas declarações racistas. O fator pós-eleição nacional, em um contexto de polarização e disputa acirrada à presidência, deu ao evento um tom de conquista ainda maior. A cidade de Joinville foi responsável por dar ao ex-presidente números expressivos de votos nas duas eleições em que concorreu à presidência<sup>21</sup>. Esse elemento demonstra o contexto da cidade em que o Movimento Negro Maria Laura está inserido e ressalta, ainda mais, a importância, a simbologia e os sentidos da produção de um livro que aborde a temática racial na cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comunicação é poder, ciência também. Ao serem apropriadas por grupos estigmatizados e utilizados como estratégia para a busca de emancipação são capazes de promover movimentações nas estruturas sociais constituídas e cristalizadas em nossa sociedade. A invisibilidade e o silenciamento de tais grupos ajudam a manter o *status quo*, a manutenção do poder dos grupos dominantes e historicamente privilegiados (VAINFAS, 2002). Tal apagamento gera consequências econômicas, políticas e culturais, pois o que não é visto não é considerado, é descartado. Portanto, observando as relações

---

<sup>21</sup>Joinville repete liderança em ranking da votação de Bolsonaro, entre as maiores cidades. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/saavedra/joinville-repete-lideranca-em-ranking-da-votacao-de-bolsonaro-entre-maiores> Acesso em: 03/08/2023

---

raciais no Brasil, é possível observar as populações racializadas, principalmente negra e indígena, ficando à margem, figurando os piores índices de vulnerabilidade social.

Ao se apropriarem da escrita, como forma de registro histórico, desenvolvimento intelectual e estratégia comunicacional, tais grupos demarcam a diferença, expõem as desigualdades e os estigmas aos quais foram submetidos, contam suas histórias, culturas e epistemes. Além disso, desafiam e adentram a disputa narrativa, apresentando elementos que geralmente ainda não foram considerados ou popularizados, permitindo que mais pessoas tenham acesso a esses discursos.

Pudemos verificar essa movimentação da escrita com mais intensidade por parte dos grupos minorizados, no Brasil, nos últimos anos, o que alçou obras a patamares jamais vivenciados pela negritude brasileira, exigindo um esforço de revisão de nossas obras literárias e acadêmicas. Não somente com premiações, mas ocupando o mercado editorial brasileiro e, algumas delas, figurando entre os 200 livros importantes para entender o Brasil<sup>22</sup>, a exemplo de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus; *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior; *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves; e *Água de barreira*, de Eliane Alves Cruz. Entretanto, essas informações servem de alerta para pensarmos quem está ficando com o lucro de toda essa promoção da escrita negra.

É preciso que se crie e valorize editoras pertencentes a pessoas negras que sempre estiveram na luta pela preservação dessas memórias, legados e contribuições intelectuais. É importante que se tenha destaque e que se apontem novas perspectivas, mas em seu sentido amplo, não apenas como estratégia e interesse do mercado. Já era de conhecimento de muitas editoras diversos desses materiais, por que o interesse somente agora?

Tal reflexão se faz importante ao pensarmos a luta por autonomia e emancipação da população negra, pois de nada vale continuar produzindo conhecimentos para serem acumulados como riqueza para a parcela branca e abastada do mercado editorial brasileiro. É preciso lutar também pela democratização desses espaços. Esse pensamento tem que ser considerado sempre como parte integrante da estratégia comunicativa para reorganização e unidade da população negra, pois esse processo passa pela fuga das armadilhas de interesseiros e oportunistas que visam apenas o lucro.

---

<sup>22</sup>Conheça 200 importantes livros para entender o Brasil. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/independencia-200/2021/05/conheca-200-importantes-livros-para-entender-o-brasil.shtml> Acesso em: 03/08/2023.

---

Analisando o livro *Fragmentos Negros*, é possível verificar a utilização da escrita do livro como estratégia comunicacional do Movimento Negro Maria Laura em combater o discurso hegemônico e excludente da cidade de Joinville, que trabalha para fixar a imagem de cidade europeia, por meio do governo, das leis e da classe dominante local ou pelos seus aparelhos e instrumentos de controle social e cultural: o sistema educativo e a comunicação (imprensa, publicidade e propaganda, rádio, televisão).

A escrita de um livro em Joinville, considerando todos os seus contextos e problemáticas, permite que a população negra reafirme e reivindique sua existência e protagonismo por meio de um documento sólido que demonstra e preenche as lacunas históricas por anos silenciadas e escamoteadas. Podendo, assim, exigir reconhecimento, dignidade e respeito em todos os segmentos da sociedade.

Toda essa movimentação, cumpre para além dos objetivos do próprio Movimento Negro Maria Laura, mas também para os encaminhamentos da intelectualidade negra que antecederam a geração atual e apontaram para a necessidade dessa escrita. Diretamente, pela figura da professora, militante e intelectual catarinense Jeruse Romão. Indiretamente, por meio da leitura, os ensinamentos de Abdias Nascimento (2019, p. 290-291):

Um futuro de melhor qualidade para a população afro-brasileira só poderá ocorrer pelo esforço enérgico de organização e mobilização coletiva, tanto da população negra como das suas inteligências e capacidades escolarizadas, para a enorme batalha no fronte da criação teórico científica. Há de se consolidar uma teoria científica inextricavelmente fundida à nossa prática histórica que efetivamente contribua à salvação da comunidade negra a qual vem sendo inexoravelmente exterminada seja pela matança direta da fome, seja pela miscigenação compulsória, seja pela assimilação do negro aos padrões e ideais ilusórios do lucro ocidental. Não permitamos a derrocada desse mundo racista, individualista e inimigo da felicidade humana afete a existência futura daqueles que efetiva e plenamente nunca a ele pertenceram: nós, negros-africanos e afro-brasileiros.

Ao analisar o livro *Fragmentos Negros*, percebe-se que o Movimento Negro Maria Laura parece estar seguindo essa diretriz.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022,

BASTOS, Fernando; PORTO, Sérgio Dayrell. Análise hermenêutica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

CARDOSO, Felipe; EICHENBERGER, Hernandez. Racismo estrutural e moradia em Joinville. In: CARDOSO, Felipe; FERNANDES, Rhuan Carlos; GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue (orgs.). **Fragmentos negros: perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC**. São Paulo: Editora Pluralidades, 2022.

CARDOSO, Felipe; FERNANDES, Rhuan Carlos; GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue (orgs.). **Fragmentos negros: perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC**. São Paulo: Editora Pluralidades, 2022.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.

CONCEIÇÃO, Willian Luiz da. Ananse e as teias da história: branquitude, branqueamento e invisibilidade das populações de origem africana em Joinville/SC. In: CARDOSO, Felipe; FERNANDES, Rhuan Carlos; GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue (orgs.). **Fragmentos negros: perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC**. São Paulo: Editora Pluralidades, 2022.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. Florianópolis: **Revista Política & Sociedade**, v. 10, n.18, p. 133-154, 2011.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21.ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

GUERREIRO, Juliane. O não-lugar do negro na história de Joinville: um olhar sobre as páginas do Jornal A Notícia. In: CARDOSO, Felipe; FERNANDES, Rhuan Carlos; GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue (orgs.). **Fragmentos negros: perspectivas sobre a presença negra em Joinville/SC**. São Paulo: Editora Pluralidades, 2022.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LEGROS, P. MONNEYRON, F. RENARD, J-B. TACUSSEL, P. **Sociologia do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11.ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MOVIMENTO NEGRO MARIA LAURA. **Nome objetivos estratégias**. Documento interno, não publicado, 2015.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africana**. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

OSÓRIO, Maria da Consolação Pereira. **Fragmentos da história da população de origem africana em Joinville: a fundação do Kênia Clube (1960-1965)**. Joinville: Univille, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. 2.ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2017.

ROSA, Vanessa. **A invisibilidade da mulher negra em Joinville:** formação e inserção ocupacional. Florianópolis: UFSC, 2006.

SALVADOR NETO. **Morre Maria Laura Eleotério** – Homenagem do blog com seu perfil, sua história. Palavra Livre, 2012. Disponível em:  
<https://www.palavralivre.com.br/2012/03/morre-maria-laura-eleoterio-homenagem-do-blog-com-o-seu-perfil-sua-historia/> Acesso em 10/07/2023.

SILVA, Gabriela da Costa. **A (re)existência através da escrita:** a contranarrativa mobilizada pelas obras de autoras negras brasileiras. Belo Horizonte: Revista Três Pontos, p. 34-40, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história:** micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **A produção social da escrita.** São Paulo: Unesp, 2014.

WOODSON, Carter Godwin. **A deseducação do negro.** São Paulo: Medu Neter Livros, 2018.